



DJÊNIFER SANTIN VASSOLER

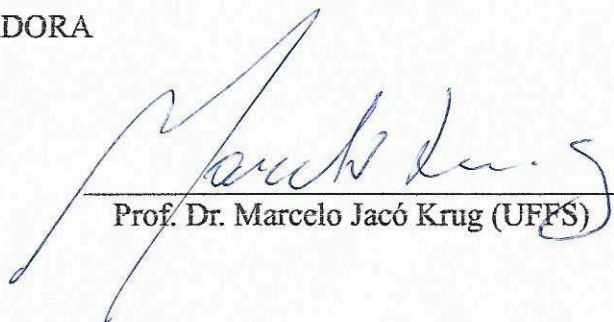
A dinâmica dos casamentos inter- e intraétnicos e a manutenção e substituição de línguas de imigração em Caxambu do Sul – SC.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFES, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 09/12/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug (UFES)


Prof.ª Dra. Cristiane Horst (UFES)


Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza (UEMS)

A dinâmica dos casamentos inter- e intraétnicos e a manutenção e substituição de línguas de imigração em Caxambu do Sul - SC¹

Djênifer Santin Vassoler²

dje.santin@gmail.com

RESUMO: Com a presente pesquisa, tem-se por finalidade investigar e analisar os prós e contras dos casamentos inter- e intraétnicos na manutenção e substituição das línguas de imigração em Caxambu do Sul – SC. Partimos do pressuposto que os casamentos interétnicos possam ser um dos principais motivadores da substituição das variedades de imigração pela variedade oficial do Brasil. Para confirmar ou refutar nossa hipótese nos propomos coletar dados com dezesseis informantes divididos em duas famílias. Uma será totalmente formada por descendentes de italianos, enquanto que a outra será mista formada de descendentes alemães e italianos. Quanto aos informantes, serão oito em cada família, ou seja, filhos, pais, avós paternos e avós maternos. Os dados serão coletados a partir da aplicação de um questionário pluridimensional e relacional extraído do *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira*. A análise dos dados seguirá a teoria e metodologia pluridimensional e relacional dos dados, buscando investigar questões de manutenção e substituição de línguas de imigração a partir da convivência entre culturas iguais e ou diferentes, relacionando assim, dados obtidos entre os informantes mais velhos de uma família com a outra, assim como relacionar dados de informantes jovens com informantes jovens e velhos, homens com homens, mulheres com mulheres ou ainda homens com mulheres, como determinado pela cruz de Thun.

PALAVRAS-CHAVE: Manutenção e Substituição Linguística; Línguas em contato; Dialetoлогия Pluridimensional; Casamentos Inter- e Intraétnicos;

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, tem por objetivo investigar e analisar os prós e contras dos casamentos inter- e intraétnicos em se tratando da manutenção e substituição das línguas de imigração em Caxambu do Sul – SC. Partimos da hipótese de que, os casamentos interétnicos possam ser um dos principais influenciadores da substituição das variedades de imigração pelo português brasileiro. Para confirmar ou refutar nossa hipótese nos dispomos coletar dados com dezesseis informantes divididos em duas famílias. Uma será formada por descendentes de ítalo-brasileiros, enquanto que a outra será mista formada de descendentes teuto-brasileiros e ítalo-brasileiros. Os informantes, serão oito em cada

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug.

² Acadêmica da 8ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

família, sendo eles, pais, filhos, avós maternos e avós paternos. A coleta de dados será a partir da aplicação de um questionário pluridimensional utilizado pelo *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira*. Sua análise seguirá a teoria e metodologia da pluridimensionalidade dos dados, procurando investigar questões de manutenção e substituição de línguas de imigração entre as duas famílias, relacionando, dados obtidos entre os informantes mais velhos de uma família com a outra, assim como relacionar dados de informantes jovens com informantes velhos, homens com homens, mulheres com mulheres ou ainda homens com mulheres.

O local onde foram coletados os dados foi o município de Caxambu do Sul, no oeste de Santa Catarina. A população de Caxambu do Sul, município criado no ano de 1962³ e que possui 4.028 habitantes⁴, cuja base econômica é agropastoril e leiteira, é formada principalmente por descendentes de ítalo-brasileiros, mas também, em menor número, de descendentes de teuto-brasileiros.



Fonte: Google Imagens

Partiremos das ideias de Thun (1998), que leva em consideração não apenas um determinado tipo de falante, como a dialetologia areal propõe, mas sim diversos tipos de falantes em diferentes regiões que têm em comum a mesma língua, focando-se nas varrições linguísticas presentes em cada uma delas. Considerando a idade e o gênero, estabelecendo o método de

³ <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/caxambudosul.pdf>. Acesso em: março de 2016.

⁴ <http://www.caxambudosul.sc.gov.br/>. Acesso em: março de 2016.

investigação adequado para cada tipo de falante. O presente trabalho insere-se no projeto maior *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira* aprovado pelo CEP em 27/06/2014 sob número de CAAE 20380713.2.0000.5564.

1. Dialetoologia pluridimensional e relacional

A dialetoologia pluridimensional e relacional, procura levar em consideração diversos tipos de falantes de uma determinada língua em contextos/regiões diferentes, buscando, através de pesquisas, encontrar alguma diferença e semelhança na variedade falada.

De acordo com Thun (1998), a ““Dialetoologia pluridimensional” que se entende como parte da ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades por um lado e, falantes pelo outro”. (THUN, 1998, p. 704, tradução nossa)⁵. Seu foco de análise são as variações linguísticas presentes em diversas áreas, que na maioria das vezes, sofre influência de línguas de imigração, formando assim, um jeito diferenciado de comunicar-se.

Segundo Thun (1998), a dialetoologia pluridimensional tem como objetivo expandir o marco de percepção dos atos variacionais e resgatar certos fenômenos do despercebimento. Evitando assim, as conclusões da dialetoologia monodimensional, que se caracteriza pela falta de variação. Dessa forma a pluridimensionalidade dá ênfase a todos os tipos de variações presentes em uma sociedade composta por diferentes falantes, sejam eles descendentes de indígenas ou de imigrantes (italianos, alemães, poloneses, japoneses...), fazendo com que possua cada vez mais variedades na fala de diferentes regiões, tornando-se assim mais rica cultural e linguisticamente.

Deste mesmo viés da dialetoologia pluridimensional e relacional Altenhofen (2013), procura estudar a variação e o multilinguismo, afirma que longe de uma comunidade ideal, homogênea, monolíngue e sem variação existe uma complexidade marcada por algumas variáveis, sendo elas:

- 1º) a coexistência, na sociedade, de uma grande <diversidade de línguas> de toda ordem, a qual chamamos de multilinguismo e que inclui um leque de categorias essenciais de línguas, assim identificadas pela política linguística brasileira nos últimos anos:
 - a) línguas indígenas;
 - b) variedades regionais da língua portuguesa;
 - c) línguas de imigração;

⁵ No original: ““Dialectología pluridimensional” y que se entiende como parte de la ciencia general de la variación lingüística y de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y hablantes por el otro”. (THUN, 1998, p. 704).

- d) línguas de comunidades afro-brasileiras;
- e) línguas de sinais;
- f) línguas crioulas. (ALTENHOFEN, 2013, p. 34).

Desconstruindo assim, a hipótese de que existem comunidades puramente monolíngues.

2º) <migrações> fazem parte da rotina das populações e sociedades, em que predomina a topodinâmica das populações, isto é, a mobilidade de um lugar (*topos*) para outro, no espaço. (Idem). Fazendo com que a diversidade linguística se expanda para diversos lugares diferentes.

3º) <contatos linguísticos> e

4º) <plurilinguismo>, em sentido amplo, como a “habilidade [de um indivíduo] de se constituir plural, linguística e culturalmente”, através da influência e do contato com a diversidade linguística/multilinguismo presente na sociedade. (ALTENHOFEN, 2013, p. 35).

Para Coseriu (1982):

“Se se deixam de lado as línguas reduzidas a um só modo de falar, uma língua histórica, sendo, pelo comum, um conjunto de sistemas linguísticos interdependentes, não funciona, é dizer que não se fala, em rigor, como tal: não pode realizar-se direta e indiretamente no falar. Em efeito, funciona (se realiza) somente através de suas “variedades”: dos sistemas autossuficientes que abrange. Assim, ninguém fala “o espanhol” (todo o espanhol, ou seja, ao mesmo tempo, castelhano, asturiano-leonês, navarro-aragonês, etc.); o que se fala é sempre alguma forma determinada do espanhol” (COSERIU, 1982, p. 16, tradução nossa)⁶,

Portanto, apesar de adotarmos a língua portuguesa como língua oficial, descendentes de imigrantes vão sempre falar a variedade dialetal que lhes foi ensinada no decorrer de sua vida, seja ela alemão, italiano, polonês, japonês, entre outras.

De acordo com Altenhofen (2013):

O princípio da pluridimensionalidade permite organizar, o “aparente caos”. [...] ficado claro que a abordagem de migrações necessariamente implica a consideração de contatos linguísticos, obrigando o deslocamento do foco de análise de uma perspectiva monolíngue (centrada em uma única língua e variedade) para uma perspectiva multilíngue e multivarietal (que abrange os contatos linguísticos de línguas e variedades distintas), porque estes constituem a situação mais comum *de facto* encontrada na realidade. (ALTENHOFEN, 2013, p. 45).

Com isso, percebe-se que o interesse de análise pluridimensional está voltado para o multilinguismo, pelo fato de em uma determinada localidade encontrar-se mais de um tipo de fala, sendo ela de imigração ou indígena, tornando-se assim, foco para diferentes tipos de pesquisas.

2. Casamentos inter- e intraétnicos

⁶ No original: “Si se dejan de lado las lenguas reducidas a un solo modo de hablar, una lengua histórica, siendo, por lo común, un conjunto de sistemas de lingüísticos interdependientes, no funciona (se realiza) sólo a través de sus "variedades": de los sistemas autossuficientes que abarque. Así, nadie habla "el español" (todo el español, o sea, al mismo tiempo, castellano, austuriano-leonés, navarro-aragonés, etcétera); lo que habla es siempre alguna forma determinada del español”. (COSERIU, 1982, p. 16).

A partir das ideias de Horst e Krug (2012), a consolidação de enlaces matrimoniais entre diferentes culturas, caracteriza-se principalmente pela grande demanda de imigrantes italianos e alemães, que passaram a habitar, em grande maioria, o Sul do Brasil. Com isso, acabaram sendo expostos a uma diversidade muito grande de hábitos distintos dos que possuíam, que eram utilizados pelos luso-brasileiros.

De acordo com Horst e Krug (2012), existe a “hipótese de que a mistura étnica é um fator para a lusitanização” (HORST e KRUG, 2012, p. 369), ou seja, ao se realizarem casamentos entre diferentes etnias (interétnicos), a língua predominante acaba sendo a língua portuguesa, passando a substituir a língua de imigração, resultando na substituição de línguas minoritárias. Com isso, poucas famílias ainda preservam o hábito de se ensinar a língua de imigração às gerações mais jovens, sendo assim, procuram manter a tradição de preservar a língua minoritária.

De acordo com Campos (1998), isso também ocorre com famílias intraétnicas (entre a mesma etnia), que por adotarem a língua de colonização (portuguesa) como fonte de comunicação, acabaram por perder o contato com sua língua materna, resultando no esquecimento parcial ou total da mesma, isso ocorreu, em partes, durante o período da Ditadura Militar, quando, se proibiu todo e qualquer tipo de comunicação na língua minoritária, resultando na imposição, quase que total, da língua majoritária. Sendo assim, os falantes de diferentes línguas de imigração, tiveram que habituar-se a aprender e a falar o português a todo o momento, caindo assim, sua língua materna, no esquecimento.

Além disso, a variedade linguística era muito usada, pois dependendo da região de onde vinham, cada grupo possuía uma variedade linguística diferente e ficavam expostos ao contato diário, “os indivíduos teuto-brasileiros foram confrontados com o dilema da manutenção e afirmação dos hábitos linguísticos de suas variedades e a adoção de hábitos da variedade nova, neste caso o Português”. (HORST e KRUG, 2012, p. 371). Com isso, acabou se perdendo o hábito de ensinar-se as variedades de imigração.

A partir das ideias de Horst e Krug (2012), de que “ao se realizar casamentos entre descendentes de alemães e descendentes de outras etnias, conseqüentemente, entram em jogo uma ou mais variedades linguísticas” (p. 374), que por sua vez, acabam se perdendo por não saber qual variedade ensinar a seus filhos, optando pela variedade da língua portuguesa, acreditando que era o melhor a ser feito.

Segundo Horst e Krug (2012), no caso de Colinas, no RS:

Muitos são os fatores que contribuem para que o PT se torne cada vez mais presente na fala dos indivíduos, começando pela escola, que estão localizadas no centro da cidade, para onde são transportados diariamente os alunos de todo o município, tanto do interior, quanto da cidade. (HORST e KRUG, 2012, p. 380).

Dessa forma o papel da escola, acaba sendo, o de influenciar o ensino da língua majoritária (portuguesa) e desfavorecer o ensino e a prática de línguas minoritárias (de imigração), fazendo com que, dessa forma, se desvalorize o conhecimento da língua de imigração adquirida em casa, passando a focar-se somente no ensino e na prática da língua portuguesa, para que todos os membros da comunidade, possam falar em apenas uma língua, resultando na homogeneidade e substituição linguística. Segundo Chambers e Trudgill (1980), geralmente a variedade que permanece como a principal no lar é a variedade do homem, enquanto que a variedade da mulher era, muitas vezes esquecida.

3. Manutenção e substituição linguística

A questão da manutenção e da substituição linguística, se caracteriza principalmente pelo fato de que, em “nossa sociedade olhares sobre a língua ou normas, partilhadas ou não entre seus membros, podem gerar sentimentos, atitudes e comportamentos diferenciados” (PINHO, 2008), ou seja, muitas famílias acabam deixando de lado o hábito de ensinar outra língua a seus filhos por sofrerem algum tipo de preconceito relacionado a sua forma de falar. Com isso, acabam optando em substituir a língua minoritária pela majoritária, para que isso não ocorra com sua geração mais jovem.

Neste mesmo viés, Pertile (2009) afirma que:

Enquanto algumas línguas de povos minoritários têm *status* de alguma espécie no Estado ou na região particular onde vivem, outras não alcançam *status* algum. As consequências para estas populações ultrapassam o terreno linguístico e deixam profundas marcas no campo social. O resultado mais comum é substituir a língua de menor poder pela língua majoritária. (PERTILE, 2009, p. 37).

Com isso, percebe-se que, enquanto algumas línguas recebem um prestígio elevado por um lado, outras, por outro lado, não recebem nenhum tipo de reconhecimento, defendendo a ideia de substituição.

Pinho (2008) afirma que “lingüistas preocupados com a extinção de línguas minoritárias como perda de construtos singulares do olhar social têm estudado o grau de lealdade de seus falantes diante da pressão de línguas mais poderosas”. Isto quer dizer que, apesar do fato de se incentivar a substituição de línguas, pela de colonização, algumas localidades se opõem a essa imposição mantendo o ensino de sua língua de

imigração, da mesma forma como o português, resultando no predomínio de sua língua materna.

Segundo Pinho (2008):

A manutenção ou mudança da língua minoritária é fruto coletivo de padrões de escolha lingüística dos sujeitos. Atitudes etnolingüísticas negativas podem levar à mais rápida extinção de uma língua minoritária, mas atitudes positivas não são o suficiente para salvá-la. Apesar de falantes de línguas minoritárias apresentarem atitudes positivas quanto a sua língua, eles podem não querer transmiti-la a seus filhos, para que eles não passem pelas mesmas dificuldades de aprender a língua majoritária em uma aula lingüicista e nem pelo preconceito quanto ao sotaque. (PINHO, 2008, p.)

Por essa razão, as famílias decidem não manter o ensino da língua de imigração, pelo fato de terem passado por um processo traumático, referente à dificuldade e o preconceito sofrido por elas, durante o tempo de aprendizado da língua majoritária, optando pela realização da substituição da língua como forma de livrar os jovens desse constrangimento.

Em relação à escola de acordo com Pinho (2008):

A proibição do uso da língua minoritária na escola comunica às crianças a idéia de que se deve abandonar qualquer lealdade com a sua língua e cultura para serem aceitas pelo professor e pela sociedade. No entanto, ao destruir a língua da criança bilíngüe e afrouxar o seu relacionamento com pais e avós, contradiz-se a própria essência da educação. (PINHO, 2008, p.)

Com isso, percebe-se que o papel da escola nos dias de hoje, é incentivar apenas o ensino da língua majoritária, desfavorecendo todo e qualquer estímulo de uma língua minoritária, resultando assim, na substituição e até mesmo algumas vezes, na mortandade da língua.

4 Contatos linguísticos

Quando falamos em contatos linguísticos, percebemos que não é de hoje que eles convivem entre nós, pois se pensarmos na época do descobrimento do Brasil, em que diversas variedades linguísticas entraram em contato. Como nos mostram Raso, Mello e Altenhofen (2011):

A história do Brasil após a chegada do homem branco é toda uma história de contatos linguísticos. Ao longo dos mais de cinco séculos depois do descobrimento, no território brasileiro conviveram, comunicaram e se misturaram populações ameríndias, europeias, africanas e asiáticas. Se a língua-teto (ou seja, a língua sociolinguisticamente supraordenada e de referência) foi o português, essa língua conviveu e ainda convive em lugares e domínios do repertório com muitas outras; e o próprio português do Brasil mudou em grande parte pelas influências de línguas diferentes, pertencentes: a família indo-europeia, além dos pequenos números de falantes de outras línguas que se fizeram presentes no Brasil desde as primeiras décadas depois

do descobrimento, forneceu, a partir da metade do século XIX, milhões de imigrantes, principalmente falantes de alemão (grupo germânico), polonês (grupo eslavo), italiano e espanhol (grupo latino), além de novas ondas de imigrantes portugueses. A partir da mesma época, a família afro-asiática contribuiu com uma forte imigração sírio-libanesa, e a imigração japonesa serviu de base para o contato com outra família linguística, tradicionalmente considerada isolada. (RASO, MELLO E ALTENHOFEN, 2011, p. 13)

Com isso, podemos perceber que muito antes do que se imaginava e se esperava, as línguas estavam entrando em contato entre si, para ampliar e multiplicar a diversidade linguística que estava começando a existir naquela época no Brasil. Essa diversidade linguística de certa forma, não pode ser concretizada, pois, foi com a implementação de dois marcos fundamentais que contribuiriam fortemente para a desconstrução desta diversidade. Como afirmam Raso, Mello e Altenhofen (2011):

Para alguns autores, como Skutnabb-Kangas e Phillipson (1996), a omissão (o deixar morrer), assim como a falta de suporte para uma determinada língua, tanto quanto medidas declaradamente proibitivas, como as do Marquês de Pombal contra as línguas indígenas, no século XVIII, ou da ditadura do Estado Novo contra as línguas de imigração, no período da Segunda Guerra Mundial, constituem ações de *linguicídio*, isto é, ações que podem levar à mortandade de línguas. (RASO, MELLO E ALTENHOFEN, 2011, p. 37).

A partir das medidas proibitivas tomadas por Vargas, houve, de certa forma, a mortandade de línguas indígenas e de imigração, resultando em um apagamento linguístico muito grande, que acabou prevalecendo apenas a língua majoritária (portuguesa). Os falantes das variedades minoritárias, tiveram que aprender, em um prazo de tempo pequeno, utilizar a língua portuguesa a todo momento, tendo que a sobrepor acerca de sua língua materna.

Apesar dessas medidas adotadas pelos governantes citados anteriormente, percebe-se que até nos dias de hoje os contatos linguísticos estão presentes, como nos mostra Altenhofen (2008), visando analisar as variedades do português falado no Sul do Brasil:

[...] pretende-se analisar, em termos macroanalíticos (neste caso, geolingüísticos) a **dinâmica dos contatos** das diferentes variedades do português falado no sul do Brasil entre si e com variedades de outras línguas, já que se trata, como se verá a seguir, de uma região fortemente marcada pela presença de contextos plurilíngües e de diferentes tipos de contato lingüístico. (ALTENHOFEN, 2008, p. 131).

Com isso entende-se que apesar de estarmos em um mesmo país e falarmos a mesma língua, isso não significa que ela será falada igualmente em todo o seu território, pois o português falado em cada estado se diferencia entre si, sofrendo influências da

regionalização e até mesmo das cidades de fronteira com outros países. Por isso, não se descarta a hipótese de contatos linguísticos nos dias de hoje.

Altenhofen (2008), nos mostra, a partir de seus estudos que “o certo é que a grande maioria dos mapas do ALERS⁷ mostra uma grande variação do português, que torna difícil aceitar a idéia de um único “falar”. (p. 142). Com isso, entende-se que, apesar de estarmos inseridos em uma mesma região (no caso a região Sul do país), iremos falar a língua majoritária de forma igual, sempre vão ocorrer variações distintas de estado para estado, cidade para cidade.

5 Crenças e atitudes linguísticas

Um fator que leva à substituição das línguas de imigração são as crenças e atitudes linguísticas. Percebe-se que, na maioria das vezes, os falantes se sentem um pouco envergonhados ao responderem algumas perguntas referentes a língua que eles costumam falar. Como nos mostra Kaufmann (2011):

Na sociolinguística queremos, frequentemente, saber algo sobre a fala de pessoas que não gozam de um prestígio social muito grande e que nem podem sonhar com a possibilidade de fazer um curso universitário. Para eles, muitas vezes, já o formato de um questionário ou de uma entrevista científica é desconhecido e não entendem por que uma pessoa erudita (não que utilizassem necessariamente esta palavra) possa se interessar por seus falares; falares que os próprios falantes muitas vezes, consideram errados e sem valor. (KAUFMANN, 2011, p. 129).

Com isso, percebe-se que, os próprios falantes não entendem e até se questionam o porquê do interesse em se estudar sua língua materna, que muitas vezes é trazida por eles como a forma errada de se falar, pois não corresponde com os padrões gramaticais utilizados em seu país de origem, o qual, acreditam ser a única forma correta a ser seguida.

Segundo Botassini (2011):

A importância dos estudos relativos a crenças e atitudes linguísticas está na possibilidade de compreender e de detectar, entre outros aspectos, os fatores de mudanças linguísticas, os preconceitos linguísticos em relação às variedades linguísticas e aos seus falantes, os quais podem contribuir para a desvalorização de variedades dialetais e, por extensão, de marcas identitárias. Isso pode, por exemplo, levar algumas pessoas a mudar seu modo de falar deliberadamente, a fim de sugerirem origens sociais ou regionais que, na verdade, não possuem. (BOTASSINI, 2011, p. 67-68).

Ao questionar os informantes em relação a sua língua e aspectos identitários, na maioria das vezes, tentam omitir fatos relacionados a elas, pois como possuem sotaque

⁷ Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil

diferenciado dos nativos do Brasil, acabam sofrendo preconceito em relação a sua fala. Se sentem constrangidos na hora de falar, deixando de lado a língua minoritária e passando a se comunicar somente na língua majoritária, pelo simples fato de acreditarem que a forma utilizada por eles não é a correta, pois não corresponde a do país de origem.

6 Procedimentos metodológicos

Para desenvolver este trabalho será usada a teoria e metodologia de pesquisa pluridimensional e relacional conforme os estudos de Thun (1998). Para a presente pesquisa, serão entrevistados um total de dezesseis informantes divididos em duas famílias, ou seja, oito membros cada, sendo uma intraétnica de descendentes de italianos e uma interétnica de descendentes de alemães e italianos. A escolha dos informantes seguiu os seguintes moldes, sempre em número de dois, um homem e uma mulher, sendo uma de família interétnica e outra intraétnica ficando da seguinte maneira distribuídos: 2 Filhos e 2 Filhas > 2 Pais e 2 Mães > 2 Avôs e 2 Avós Paternos > 2 Avôs e 2 Avós Maternos. Os informantes entrevistados são sempre de ambos os gêneros, numa faixa etária entre 05 e 70 anos.

Para o levantamento dos dados utilizamos um questionário com trinta e duas perguntas (32). Esse questionário foi adaptado do questionário utilizado pelo projeto *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira*, relacionadas com o tópico a ser estudado. Dessas trinta e duas (32) perguntas, selecionamos vinte e quatro (24) para nosso recorte, isso se deve em função, principalmente, da falta de tempo hábil para realizarmos a análise e escrita do presente trabalho. As perguntas utilizadas para a análise dos dados encontram-se na tabela 1 (abaixo).

Tabela 1: Perguntas utilizadas para a análise dos dados

- 1) Além do português, que línguas você fala?
- 2) Que línguas costuma falar na família? (Quantas vezes? Quando, com quem?) (Krug, 2004, Steffen 2007)
- 5) Em que língua gosta de conversar mais?
- 6) De modo geral, costuma falar mais a língua minoritária ou português?
- 7) Quando vem visita, que língua prefere usar? (Vide Krug 2004)
- 9) O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua própria língua de casa, alemão ou italiano?
- 11) Como aprendeu o português? (Lembretes: escola, quartel, contato, trabalho...).
- 12) Como é/foi na escola e na igreja o uso de alemão e/ou italiano? (Vide Krug 2004)
- 14) Como se sente mais? Alemão/Italiano? Brasileiro? Gaúcho? Catarinense?
- 15) Se a seleção brasileira de futebol jogar contra a alemã/italiana, para quem torce?

16) O que identifica o alemão/italiano típico daqui?

17) Brasileiro

18) Características do brasileiro (Vide Krug 2004)

Como é esse brasileiro?

Sugereências:

a) de pele escura?, b) só fala português, c) provém da cidade?, d) confiável?, e) gosta de trabalhar?, f) organizado?, g) amigo?, h) conversador?, i) hospitaleiro?, j) desconfiado?

19) O que sabe da língua do (outro) alemão/italiano? Citar palavras ou expressões. (Vide Krug 2004)

20) De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem?

21) Tem diferença entre o português falado em Caxambu do Sul e em São Carlos? A que se deve isso? Dê alguns exemplos.

22) De modo geral, quem fala melhor português, o alemão ou o italiano?

23) Acha importante que os filhos aprendam alemão/italiano dos pais? Por quê? (Vide Krug 2004)

24) Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (alemão/italiano)... O que acha disso? Tu irias gostar de falar alemão/italiano?

26) Acha que deveria ter ensino de alemão/italiano na escola? Se sim, seria mais importante que ensino de inglês? Por quê? (Vide Krug 2004).

27) Se fosse dizer o que mais identifica um alemão/italiano, diria que é o quê?

suas características físicas

sua religião

sua língua

seus hábitos e costumes

sua música

suas festas

sua casa

seus nomes

seu jeito de ser

outro _____

28) Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (vide Schmidt 1997). Tem gente que ainda fala alemão/italiano nesses estabelecimentos?

28.1 No Correio

28.2 No Mercado

28.3 Nas lojas

28.4 No sindicato

28.5 No restaurante

28.6 Na prefeitura

28.7 No posto de saúde

28.8	Com o padre / pastor
28.9	Nas festas e nos bailes
28.10	No confessionário
28.11	No posto de gasolina
28.12	No trabalho
31) Quando fala português, você mistura a variedade minoritária? Se sim, o que você mistura e por que?	
32) Quando fala a variedade minoritária, você mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê?	

Fonte: Origem Projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira

Para evitar a duplicação de dados e, com isso, dispersar o foco de nossa pesquisa, optou-se, pela junção de algumas destas perguntas, pois haviam relações entre as respostas das mesmas, foram unidas: a 2 e a 28; 5, 6 e 7; 9, 23 e 24; 16, 17, 18 e 27; 20, 21 e 22; e 31 e 32.

O levantamento de dados foi por meio de entrevistas do tipo pergunta/resposta gravadas, guiadas pelo questionário. O tempo médio de duração de cada entrevista foi de 35 minutos para cada família e procurou-se realizá-la de forma informal, para que não houvesse constrangimento, formalidade e insegurança por parte dos informantes.

A análise dos dados levará em conta a pluralidade dos informantes, ou seja, os pares serão comparados entre si e entre outros pares de outras famílias. Com isso, teremos, como fazer análises da situação de substituição e ou manutenção das variedades linguísticas de imigração no município a partir de casamentos inter⁸ e intraétnicos⁹.

7 Análise de dados

Nesta etapa da pesquisa, apresentaremos os resultados obtidos nas entrevistas realizadas e, paralelamente, faremos a análise pluridimensional e relacional dos dados. Para tanto, partiremos a seguir para a descrição dos dados a partir de cada pergunta selecionada conforme apresentado no capítulo 6 procedimentos metodológicos. Vale lembrar que dos 16 informantes que fizeram parte desta pesquisa, oito são de família italiana e oito de família mista, no entanto, devido ao casamento interétnico, devemos ter em mente que onze informantes são de descendência italiana e cinco de descendência alemã.

Em relação à pergunta, 1 “Além do português, que línguas você fala?” Obtivemos os seguintes resultados.

⁸ Interétnicos: Entre diferentes etnias.

⁹ Intraétnicos: Entre a mesma etnia.

Dos 16 informantes, cinco falam a variedade minoritária italiana, quatro falam alemão e sete não falam nenhuma das variedades de imigração. Destes, três da família italiana¹⁰, os mais velhos e dois da família mista¹¹, os mais velhos, falam italiano, quatro da família mista, os mais velhos e os mais jovens falam alemão, cinco da família italiana, a mulher mais velha e os mais jovens, não falam italiano e dois da família mista, os mais jovens, não falam alemão nem italiano. A partir dos dados coletados nessa primeira pergunta, percebe-se que, somente os mais velhos ainda utilizam a língua de imigração para a comunicação, enquanto duas das mais jovens, sendo elas a de 34 e a 17 anos da família mista, utilizam a língua de imigração em algumas situações, o restante de ambas as famílias nunca falou/aprendeu/utilizou a variedade de imigração. Através das respostas dadas por eles, notou-se que a grande maioria dos informantes deixou de falar a variedade de imigração e isso é mais forte por parte da família, de origem italiana. Veja que por parte da família mista, são seis informantes que ainda falam, desses dois são os mais novos e quatro mais velhos, sendo que somente os dois mais jovens não falam. Enquanto que a família italiana, somente três informantes ainda falam, sendo eles o casal mais velho e o informante mais velho de 70 anos, sendo que os quatro mais jovens e uma a mulher mais velha de 67 anos não falam.

Quando questionados os avós da família mista de origem alemã responderam que utilizam a variedade alemã, da mesma forma, que o casal de origem italiana, que respondeu que utilizam a variedade de imigração. Dessa forma, percebemos que entre os mais velhos, tanto do lado alemão, quanto do lado italiano, utilizam a língua de herança. Já entre os pais, temos o seguinte quadro: o homem (pai) da família mista, de origem italiana utiliza somente o português, enquanto sua esposa, de etnia alemã afirma utilizar além do português, o alemão. Podemos também observar isso entre os filhos do casal, ou seja, o informante masculino utiliza somente o português enquanto que a menina o português e o alemão. Estes dados apontam para uma manutenção da variedade minoritária entre os informantes mais velhos e entre as mulheres da geração de pais e filhos.

Já a família italiana quando questionada, responderam da seguinte forma: os avós maternos responderam que utilizam o português, da mesma forma que a avó paterna, por outro lado o avô paterno utiliza a variedade italiana. Em relação aos pais, ambos, também

¹⁰ Doravante italiana.

¹¹ Doravante mista.

utilizam o português, da mesma maneira que os filhos, que desconhecem a variedade italiana. Isso nos mostra que nesta família, os casamentos entre descendentes da mesma etnia não mantiveram a variedade linguística de imigração viva. Ao contrário do que descrevemos acima entre os descendentes de alemães, que mantiveram a variedade viva mesmo quando casada com cônjuge italiano, não falante de nenhuma das variedades.

Contudo, a partir dos resultados apresentados anteriormente, notou-se que a grande maioria dos informantes desconhece a variedade de herança. Percebemos que esse fato ocorreu com mais frequência na família de origem italiana. Dessa forma, podemos observar que dos 16 informantes, somente nove ainda utilizam a variedade de origem. Desses nove, sete são os informantes mais velhos, além das informantes mais jovens, ou seja, as informantes da família mista, mãe e filha.

Além disso, este fato de não se comunicarem mais na variedade de imigração pode estar relacionado, por um lado, segundo Raso, Mello e Altenhofen (2011), às medidas proibitivas adotadas por Getúlio Vargas na época da Ditadura Militar, na qual, se proibiu o uso de qualquer tipo de língua de imigração, resultando assim, na substituição da língua minoritária pela majoritária. Por outro lado, podemos citar a estigmatização e a falta de prestígio da variedade de imigração perante a variedade oficial do país.

De acordo com os dados coletados, na pergunta 2 “Que línguas costuma falar na família?” três informantes falam a variedade de imigração no lar, sendo que, somente os alemães cultivam esse costume, enquanto os italianos o substituem pela língua portuguesa. Observando que dentre os alemães, somente os mais jovens não falam, ou seja, somente a informante com cinco anos não fala, o que confirma nossa hipótese de que o casamento tenha influenciado no não aprendizado da LI¹². Como nos mostram Horst e Krug (2012), de que ao se realizarem casamentos entre diferentes etnias, os pais ficavam na dúvida de qual língua ensinar e acabavam optando pelo ensino da língua portuguesa. Visto que a jovem de 17 anos fala, pois viveu com os avós maternos.

Quanto aos italianos, nossa hipótese não é confirmada, pois apesar de terem se casado dentre a mesma etnia, a língua não se manteve, resultando na substituição da mesma. Como nos mostram Pertile (2009), Pinho (2008) e Raso, Mello e Altenhofen

¹² Adotaremos LI como abreviação de Língua de Imigração.

(2011), de que a proibição do uso da LI e o preconceito sofrido pelos falantes influenciaram na substituição linguística.

Dessa forma, podemos perceber, através dos dados coletados que dois informantes da família mista, o casal mais velho de etnia alemã, falam a LI em todos os lugares públicos de convívio social. Enquanto o casal mais velho de origem italiana da família mista, não fala a LI em lugar nenhum, passando a acreditar que ainda existe gente que a utiliza nesses locais. Uma informante da família mista fala quando está sozinha com sua família de sangue e em alguns estabelecimentos comerciais, porém não a utiliza em seu trabalho. A informante de 17 anos fala em todos os lugares, com a exceção da escola. Dois informantes não falam a variedade de imigração em lugar nenhum. Seis informantes da família italiana não falam a LI em lugar nenhum, mas acreditam que ainda tenha gente que a utiliza nos espaços públicos. Dois informantes não falam a língua de imigração em lugar nenhum e não acreditam que tenha gente que a utiliza em espaços comerciais. Com isso, pode-se dizer que para que um informante venha realmente a utilizar a variedade de imigração, é preciso que haja um interlocutor que utilize o mesmo código e, em isso não acontecendo, dá a entender que a variedade já não está sendo empregada na comunidade como meio de comunicação. É preciso atentar também que o não uso da variedade é maior entre os descendentes de imigrantes italianos, enquanto que os de descendência alemã a preservam mais.

Quando perguntados em que língua gostam de conversar mais dois informantes da geração mais velha da família mista responderam alemão, cinco da geração mais jovem da família mista e oito da geração mais jovem da família italiana preferem o português, uma da geração mais jovem da família mista utiliza a variedade de imigração e a língua majoritária dependendo com qual família está. De modo geral, todos os informantes costumam utilizar mais a língua portuguesa, com exceção do casal mais velho de etnia alemã que costuma utilizar mais a língua alemã, mas utiliza a língua portuguesa quando está com pessoas de etnias diferentes da sua. Até mesmo quando vem visita, a partir das respostas dadas por eles, nota-se a prevalência da língua portuguesa, isso tudo se deve principalmente ao fator de escolarização adotado pelas escolas, como nos mostram Horst e Krug (2012) e Pinho (2008), de que a escola dava preferência ao ensino da língua majoritária, estreitando o relacionamento de pais e filhos através da desconstrução da identidade do falante bilíngue.

Ao serem questionados sobre o que acham das pessoas que só falam português e nunca a LI, dois informantes da família mista, os avós maternos de etnia alemã, acham errado, pois acreditam que a variedade de imigração deve ser preservada e incentivada pelos pais, dois informantes da família italiana, um dos casais mais velhos, acham errado e um sofrimento, pois afirmam que a cultura deve ser preservada, dois informantes da família mista, o casal mais velho de etnia italiana, acreditam que deveria ser praticado, mas não praticam e que isso vem de costume, acaba sendo deixado de lado, dois informantes da família italiana, o casal mais velho, acreditam que se estamos no Brasil, temos que falar a língua portuguesa e acabam se sentindo melhor ao utilizarem a língua majoritária, mas acham interessante que os jovens aprendam a variedade de imigração para praticar e não esquecer, dois informantes, o casal mais jovem da família mista, acreditam que de certa forma é uma desvalorização da cultura, um comodismo, pois acham mais fácil utilizar a língua portuguesa do que a variedade imigração, dois informantes, o casal mais jovem da família italiana, acham errado e gostariam de ter aprendido a falar a variedade de imigração, dois informantes, os filhos da família mista, acreditam que deveriam ter um pouco de conhecimento sobre a LI e iriam gostar de falar as duas variedades de imigração, sendo que, a jovem de 17 anos fala o alemão, segundo ela não tão fluente, mas fala, dois informantes, os filhos da família italiana, acreditam que seja errado, pois gostariam de aprender a variedade de imigração passando a ser preservada pelos pais. Nestas respostas, percebe-se que acreditam ser interessante, mas não repassaram a variedade para seus descendentes. São casos típicos de crenças e atitudes, que segundo Kaufmann (2011) e Botassini (2011), as pessoas consideram sua fala errada e sem valor ante a variedade majoritária, como notamos em algumas respostas dadas pelos informantes, principalmente quando afirmam que não falam tão fluente, mas falam.

Nossos dados apontam que os mais velhos acabam não querendo cultivar a tradição de se ensinar a LI aos mais jovens. No entanto os mais jovens desejam aprender a língua de herança, mas isso não é possível, pois se nem mesmo os pais sabem falar e alguns dos avós descendentes de italianos enfatizam a necessidade de falar o português, evitando assim repassar a variedade de imigração aos mais jovens alegando muitas vezes evitar constrangimentos e algum tipo de preconceito. Isso já não é o caso dos descendentes de alemães, que parecem ter na língua uma característica forte de identificação e de orgulho.

Quanto ao aprendizado do português, questão onze, cinco informantes da família mista, ou seja, composta por descendentes de alemães e italianos, responderam que foi na escola, antes de começarem a frequentar o colégio, só falavam nas variedades de imigração, um informante da família mista disse que aprendeu quando viajava de caminhão e se obrigou a falar o “brasileiro”, alegou também que aprendeu na escola.

Dois informantes da família mista desconhecem a LI, dois informantes da família italiana afirmam que aprenderam na escola e com os pais, dois informantes da família italiana responderam que aprenderam em casa com os pais, não praticando o italiano em parte nenhuma, quatro informantes da família italiana, sendo eles os mais jovens, aprenderam somente a língua portuguesa, passando a não ter contato com a língua italiana. Oito informantes de ambas as famílias, sendo eles os casais mais velhos, afirmaram que na escola e na igreja não existe mais o uso da língua de imigração, passando a ser utilizada somente a língua portuguesa, pois disseram também que, muitas vezes um falante de uma LI acabava sendo discriminado pelo jeito que falava. Como nos mostram Raso, Mello e Altenhofen (2011), Kaufmann (2011), Botassini (2011), e Pinho (2008), de que o preconceito sofrido pelos falantes em relação ao sotaque e sua forma de falar, fez com que as pessoas optassem pela utilização da língua portuguesa deixando de lado a sua língua de herança.

Ao serem perguntados como se sentiam mais alemão, italiano, brasileiro, gaúcho ou catarinense, dois da família mista dizem ser alemães, sendo eles o casal mais velho de etnia alemã, uma da família mista se sente mais gaúcha, três dizem se sentir mais brasileiros e dois se sentem catarinenses e brasileiros, todos da família mista. Quanto a família italiana um acredita ser mais brasileiro, um diz sentir-se mais gaúcho, dois dizem ser metade barriga verde e metade gaúcho e quatro dizem sentir-se mais catarinenses. Percebe-se aqui que, ao serem questionados sobre o sentimento, os informantes durante a obtenção da resposta se encontram divididos e até mesmo duvidosos em relação ao que estava sendo perguntado, nota-se também, que somente o casal mais velho de etnia alemã diz se sentir mais alemão. Nesse sentido, podemos interpretar essas afirmações como uma demonstração de afinidade cultural e linguística, entretanto, quando se dizem mais brasileiros, percebe-se que seria o mais distante do ser descendente de imigrantes, ou até mesmo de sua origem.

Quando a pergunta foi torcer pelo Brasil ou pelo país de descendência dos antepassados nas competições futebolísticas, dois da família mista, responderam que

torcem para os alemães, pois alegam que no Brasil só mostram o Neymar¹³ e que os brasileiros só fazem pose, seis torcem para o Brasil, todos da família mista. Quanto aos da família italiana, oito alegaram torcer para o Brasil. Novamente aqui, percebe-se que somente duas pessoas afirmaram torcer para a Alemanha, sendo eles o casal mais velho da etnia alemã. Com isso pode-se perceber que em quase todos os questionários os informantes mais velhos descendentes de alemães, portanto pertencentes à família mista é que preserva mais a variedade e prioriza a variedade. Enquanto que os mais velhos da etnia italiana preferem em várias questões, o português.

Quanto a questões de identificação do alemão/italiano típico daqui oito informantes, todos da família mista, acreditam que o que mais identifica um alemão/italiano típico daqui é o jeito de falar, a pronuncia, a simpatia, a música, a cultura, a língua, a fisionomia, as comidas, os hábitos e os costumes. Já a família italiana, seis informantes acreditam que seja a cultura, a música, as festas, a fala, os hábitos e costumes, dois, sendo eles os mais jovens filhos do casal, apresentaram espanto ao serem questionados sobre isso, afirmando que não existem mais italianos/alemães como antigamente, depois de melhor explicada a pergunta, eles responderam que o que identifica é a fala, as comidas, a língua e a forma de falar. Nota-se aqui, uma certa semelhança entre os dados coletados, pois todos acreditam que a cultura, os hábitos e os costumes sejam um forte fator para a identificação de um alemão/italiano típico daqui, mas não mais a língua.

Seguindo esse mesmo viés de perguntas, os informantes foram questionados sobre as características do brasileiro, que é aquele que não possui etnia alemã nem italiana, dois responderam que o brasileiro não gosta de trabalhar e gostam de mordomias, dois apresentaram dúvidas, mas responderam meio inseguros que eles são mais morenos, dois responderam que é a cor dos olhos, o cabelo e o jeito de falar, dois afirmaram que é a cor, a pele, o tom de voz e o jeito de se expressar, todos da família mista. Quanto aos italianos dois responderam que é cor dos olhos e a pele meio escura, dois responderam que tem escuro, claro e mestiço, dois acreditam que seja trabalhador e confiável, de pele escura e que existe uma mistura de raças, dois acreditam que seja meio pardo. Através dos dados obtidos, percebemos que existem semelhanças e diferenças entre as respostas dadas por

¹³ Jogador da Seleção Brasileira de Futebol.

eles, a que mais aparece é de que o mais identifica o brasileiro é a cor da pele e o jeito de falar.

Em relação a pergunta 19 “O que sabe da língua do (outro) alemão/italiano?” quanto aos informantes da família mista dois informantes, o casal mais velho de etnia alemã, afirma que sabem falar alguma coisa, mas bem pouco, dois informantes, o casal mais velho de etnia italiana, afirmam não saber nada da língua alemã, um informante, o jovem de 34 anos, afirmou saber algumas palavras na língua alemã, uma informante, a jovem de 34 anos, afirmou entender tudo em italiano, mas não fala nada, pois alega ser mais difícil falar do que entender, uma informante, sendo ela a jovem de cinco anos, alegou saber algumas palavrinhas em alemão, mas não sabe falar nada em italiano, uma informante, a jovem de 17 anos, afirmou que fala o alemão, mas fala nada em italiano, alegando que entende alguma coisa.

Quanto a família italiana dois informantes, sendo eles um dos casais mais velhos de etnia italiana, falam o italiano, mas não conhecem nada da língua alemã, um informante, o homem mais velho de 70 anos, fala o italiano, mas não conhece nada da língua alemã, uma informante, a mulher mais velha de 67 anos, afirma não falar o italiano, mas alega entender tudo e não conhece nada da língua alemã, dois informantes, mais jovens, alegam não saber nada da língua alemã, não falam a língua italiana, mas entendem alguma coisa, dois informantes, os filhos do casal, afirmam não saber nada de nenhuma das duas línguas. Nota-se aqui um certo desconhecimento em relação às variedades minoritárias, principalmente por parte dos mais jovens, com exceção de alguns deles, com a obtenção dos dados dessa pergunta, percebe-se que ocorreu uma substituição linguística muito grande, passando a ser utilizada somente a língua portuguesa em todos os momentos, mas com exceção do casal mais velho da família mista de etnia alemã, que utiliza a língua de imigração em todos os momentos do dia-a-dia.

Ao serem perguntados sobre quem preserva mais sua língua e costumes, juntamente com quem fala melhor o português, os informantes da família mista inicialmente dois, sendo eles o casal mais velho de etnia alemã, responderam que é o brasileiro quem cultiva mais seus hábitos e costumes, pois alegaram que muitos alemães não preservam seus costumes. Em relação a quem fala melhor o português, os informantes acreditam que são os italianos, pois segundo eles, o alemão não aprendeu o português, porque falavam sempre na sua língua de origem em todos os lugares que estavam. Ademais, os informantes mais velhos, os avós da família mista, de etnia italiana,

afirmaram que quem preserva mais os hábitos e costumes são os brasileiros e quem fala melhor o português é o italiano e sempre será. Por outro lado, o casal de pais respondeu que quem cultiva mais os hábitos e costumes são os alemães e que quem fala melhor o português são os italianos por causa do sotaque. Já os filhos do casal, afirmaram ser os alemães quem mais preserva os hábitos e costumes e quem fala melhor o português são os italianos.

Já os informantes da família italiana um dos casais mais velhos, afirmam que quem preservam mais os hábitos e costumes são os italianos e quem fala melhor o português são os italianos, o outro casal mais velho acredita ser o brasileiro quem preserva mais os hábitos e costumes e quem fala melhor o português é o italiano, dois sendo eles o casal mais jovem, afirmam que quem preserva mais os hábitos e costumes é o italiano e quem fala melhor o português é o italiano, dois sendo eles os filhos do casal, acreditam que quem cultiva mais os hábitos e costumes são as duas etnias, tanto o alemão quanto o italiano e quem fala melhor o português é o italiano. Percebe-se assim, que há uma certa crença por parte do casal mais velho de etnia alemã, que afirmam em dizer que os alemães não aprenderam o “brasileiro”, como nos mostra Kaufmann (2011) e Botassini (2011), enquanto todos os dezesseis afirmaram ser os italianos que falam melhor a língua portuguesa, desfavorecendo totalmente a forma de como as pessoas de etnia alemã falam a língua majoritária.

Os informantes da família mista ao serem questionados se há diferenças entre o português falado em Caxambu do Sul e São Carlos, o casal mais velho de etnia alemã, respondeu que tem diferença e um fator que afirma isso é a forma de pronunciar as palavras. O casal mais velho de etnia italiana respondeu que acha que tem diferença, mas que não sabe quais são as diferenças e nem quais fatores podem contribuir para que isso aconteça. O casal mais jovem, afirmou que existe diferença entre as duas cidades, a informante de 34 anos, alegou que na cidade de Caxambu do Sul existem palavras locais que só tomou conhecimento quando se mudou para lá. Os filhos do casal, afirmaram que tem diferenças entre o português falado nas duas cidades, a informante de 17 anos afirmou que em Caxambu do Sul a forma como eles falam é mais forte do que a utilizada em São Carlos.

A família italiana ao ser questionada sobre isso um dos casais mais velhos, afirmou que tem diferenças, alegando que os alemães possuem um jeito diferente de falar. O outro casal mais velho afirmou ter diferenças entre as duas cidades, pois acreditam que

os alemães não falam direito o português. Já o casal mais jovem, afirmou que tem diferença entre as duas cidades e que em São Carlos se mistura mais com o alemão. Os filhos do casal, afirmaram que tem diferenças, pois em São Carlos as pessoas puxam mais para o alemão. Aqui também se percebe um pouco de crenças em relação a fala das pessoas de etnia alemã, como nos mostra Kaufmann (2011) e Botassini (2011), todos os dezesseis informantes alegaram ter diferenças entre o português falado nas duas cidades, seja ele por meio de palavras locais ou pelo sotaque apresentado pelas pessoas.

Ao serem perguntados se acham que deveria ter ensino de alemão/italiano na escola, os informantes da família mista o casal mais velho de etnia alemã, afirmou que sim e que seria mais importante que o ensino de inglês, pois com o alemão teriam mais opção de empregos. O casal mais velho de etnia italiana, respondeu que deveria ter o ensino das variedades de imigração, sendo mais importantes que o ensino de inglês, pois alemão/italiano são/é nossa origem. O casal mais jovem, afirmou que sim, mas que o inglês nunca deixaria de ser a língua mais falada por causa dos países. Os filhos do casal, responderam que teria que ter, mas que o alemão/italiano seria opcional não sendo tão importante quanto o inglês.

Para a família italiana um dos casais mais velhos, afirmou que deveria ter e que se tivesse seria mais importante que o ensino de inglês. O restante dos informantes (seis), afirmou que deveria ter, mas que não seria mais importante que o inglês. Aqui nota-se que todos os dezesseis informantes gostariam que tivesse o ensino das variedades de imigração na escola, mas a maioria deles afirmou que não seria mais importante que o ensino de inglês, pois o inglês sempre foi a língua mais falada e solicitada no mundo.

Com relação às perguntas 31 e 32, que questionam se ao falarem a língua portuguesa misturam a língua de imigração e vice-versa, o casal mais velho de etnia alemã, afirmou que sim, pois quando está falando com uma pessoa mais jovem, utiliza as duas línguas para que aja entendimento da mesma. O casal mais velho de etnia italiana, afirmou que misturam algum pouco quando estão utilizando uma das línguas, uma a informante de 34 anos afirma misturar algumas palavras quando está utilizando qualquer uma das línguas principalmente quando está fazendo alguma brincadeira. A informante de 17 anos afirma não misturar palavras quando está utilizando a língua majoritária, mas alega misturar algumas coisas quando está utilizando a língua de imigração. Os informantes de 34 e de 5 anos, não utilizam nenhuma das variedades minoritárias, somente se comunicam na língua portuguesa.

Os informantes da família italiana um dos casais mais velhos, afirmam não misturar a LI quando estão utilizando a língua portuguesa, mas afirmam misturar algumas palavras da língua portuguesa quando estão utilizando a língua de imigração. O outro casal mais velho, afirma não misturar nenhuma palavra da língua italiana enquanto estão falando em português, quando se trata da fala na LI, o informante de 70 anos afirma misturar algumas coisas e a informante de 67 anos diz não saber falar na língua minoritária, por isso, não ocorre mistura de palavras. Os quatro informantes mais jovens utilizam somente a língua portuguesa para a comunicação, por isso não misturam palavras da LI. Percebe-se aqui que, a maioria dos informantes utiliza a variedade majoritária para a comunicação e na maioria das vezes acabam misturando algumas palavras da outra língua por não lembrarem como a palavra escolhida é pronunciada, até mesmo os informantes que dizem que não misturam as palavras em ambas as variedades, pois sempre acaba escapando uma blasfêmia ou palavrão principalmente na língua italiana.

8 Considerações finais

Através dos dados obtidos nessa pesquisa, buscou-se averiguar os prós e contras de casamentos inter- e intraétnicos na manutenção e substituição nas variedades minoritárias inseridas na comunidade de estudo Caxambu do Sul.

A partir dos dados coletados em todas as perguntas realizadas, notou-se que ao serem questionados sobre qual língua costumam utilizar mais entre os informantes mais velhos e as mulheres mais jovens da geração mãe e filha de etnia alemã, da família mista, prevaleceu a manutenção da língua alemã. Enquanto que em todos os descendentes da etnia italiana, a língua portuguesa prevalece, resultando na substituição linguística entre os falantes. Dessa forma, constatamos que somente os alemães cultivam esse costume de se ensinar a língua de herança para os mais jovens. Porém a geração mais jovem costuma não falar a LI por influência dos casamentos inter e intraétnicos, como nos mostram Horst e Krug (2012), de que a mistura acaba deixando os pais sem saber qual língua ensinar e acabam optando pelo ensino da língua portuguesa.

Nos lugares públicos de convívio social, segundo os informantes a língua portuguesa prevalece, não descartando a hipótese de que ainda existem pessoas que falam a LI nesses espaços. O casal mais velho de etnia alemã afirmou que na cidade de São Carlos (cidade vizinha de Caxambu do Sul), existem atendentes que utilizam a variedade de imigração para atender ao público falante da LI.

Quanto à língua em que mais gostam de conversar, percebemos que a língua portuguesa prevalece, com exceção do casal mais velho de etnia alemã que afirmou preferir a variedade de imigração. Em relação à pessoas que só falam o português, todos os informantes acham errado, pois acreditam que a variedade de imigração deve ser preservada, principalmente para a preservação das culturas. Alegando que aprenderam o português em casa e na escola.

Ao sentimento de nacionalidade, os informantes ficaram divididos e duvidosos em relação à resposta que dariam, somente o casal mais velho de etnia alemã afirmou sentir-se mais alemão demonstrando mais afinidade com a cultura do país de descendência. O restante dos informantes diz sentir-se mais brasileiro, catarinense e gaúcho, demonstrando ser mais distante de sua cultura do país de origem. Nas competições futebolísticas, para quem torceria, todos os informantes alegaram torcer para o Brasil, com exceção do casal mais velho de etnia alemã, que afirma torcer para a seleção alemã.

Para a identificação do alemão/italiano típico daqui, obtivemos uma semelhança entre as respostas coletadas, pois acreditam que a cultura, os hábitos e costumes são um forte fator para a identificação, mas não mais a língua. Quanto às características do brasileiro, notou-se semelhanças e diferenças nos dados coletados, a que mais aparece é a cor da pele e o jeito de falar.

Com relação ao saber sobre a língua do outro alemão/italiano a maioria dos informantes alegou saber alguma coisa. Os informantes da família italiana alegaram não saber nada da língua alemã, mas em relação à língua italiana, afirmaram saber/entender algumas palavras, com exceção dos filhos do casal que afirmaram não saber nada de nenhuma das línguas de imigração.

Relacionado com quem preserva mais os hábitos e costumes de origem, os informantes ficaram divididos, pois a maioria deles acredita ser o italiano quem preserva mais, o restante dos informantes acredita ser o alemão quem preserva mais sua língua e costumes. Para a questão de quem fala melhor o português, todos os informantes afirmaram ser o italiano e sempre será, desfavorecendo a forma de como os descendentes de alemães falam o português.

Todos os informantes acreditam ter diferenças na fala entre as cidades de São Carlos e Caxambu do Sul, alegando que em São Carlos a fala é puxada mais para o alemão e em Caxambu do Sul existem mais palavras locais e a fala é mais forte.

Sobre se deveria ter ensino da variedade de imigração na escola, todos os informantes afirmaram que seria importante, pois serviria para auxiliar na preservação da cultura, mas que não seria mais importante do que o ensino da língua inglesa, porque o inglês nunca ia deixar de ser ensinado por causa dos países.

Se ao falarem a língua portuguesa misturam a língua de imigração e vice-versa, os falantes das variedades de imigração afirmaram que misturam algumas coisas, principalmente quando esquecem como a palavra é pronunciada na língua de destino acabam utilizando a língua que tem mais afinidade para a compreensão do que estava sendo dito.

A partir de nossos estudos constatamos que a língua portuguesa se sobressai em relação as línguas de imigração em ambas as famílias, ou seja, na família mista, composta por descendentes de alemães e italianos e na família italiana, composta apenas por descendentes de italianos.

Além disso, verificamos que apenas o casal mais velho de etnia alemã preserva a variedade de imigração, enquanto o restante dos informantes utiliza somente a língua portuguesa para a comunicação. Todos esses fatores atrelados às crenças e atitudes linguísticas, como nos mostram Kaufman (2011) e Botassini (2011), de que alguns informantes acreditam que se estamos no Brasil, temos que falar a língua oficial.

Com base em nossa hipótese, os mistos preservam menos as variedades que os não italianos e que essa hipótese, com base em nosso recorte, não se concretizou, pois, os descendentes de alemães, mesmo casados com descendentes de italianos, mantiveram a variedade de imigração, enquanto que entre os descendentes de italianos, a LI se manteve apenas entre os mais velhos, sendo que entre os pais e filhos a variedade já caiu em desuso.

Esperamos que com este artigo tenhamos conseguido jogar uma pouco mais de informação no que diz respeito à manutenção e ou substituição da variedade e casos de casamentos inter e intraétnicos envolvendo italianos e alemães, além de dar subsídios para futuras pesquisas na área.

Referências

ALTENHOFEN, Cléo Wilson. **Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e relacional**. In: Revista de Letras Norteamericanas. Estudos Linguísticos, Sinop, v. 6, n. 12, p. 31-52, jul./dez. 2013.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no Sul do Brasil**. In: ELIZAINCÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (orgs). *Español y portugués: fronteras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008, p. 129-164.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu**. In: Revista Línguas e Letras, ISSN: 1517-7238, vol. 12 nº 22, 1º Sem. 2011, p. 65-84

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil**. (Tese de Doutorado). Campinas, SP: [s.n.], 1998.

CHAMBERS, J. K & TRUDGILL, Peter. **Dialectology** New York: Cambridge University Press, 1980.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

HORST, Cristiane & KRUG, Marcelo Jacó. **Línguas em contato no sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch**. In: Revista Pápiá 22(2), p. 367-383, 2012. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1677/1488>. Acesso em: junho de 2016.

KAUFMANN, Göz. **Atitudes na sociolinguística**. Aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, Heliana. ALTENHOFEN, Cléo. RASO, Tommaso (orgs). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

PERTILE, Marley Terezinha. **O Talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho**. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: UFRGS. 2009.

PINHO, Isis da Costa. **Diversidade lingüística e Identidade: as micro-decisões na manutenção/perda de uma língua materna minoritária**. *Contingentia*, v. 3, n. 1, 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/4159/2951#capitulo2topo>. Acesso em: junho de 2016.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Os contatos linguísticos e o Brasil: Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas**. In: MELLO, Heliana. ALTENHOFEN, Cléo. RASO, Tommaso (orgs). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

THUN, Harald. **La geolinguística como linguística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)**. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21: 1995: Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998b. v. 5, p. 701-729.

RESUMEN: La presente investigación, tiene por finalidad investigar y analizar los pros y los contras de los matrimonios inter- e intraétnicos en el mantenimiento y sustitución de las lenguas de inmigración en la ciudad de Caxambu do Sul – SC. Luego, partimos del presupuesto de que los matrimonios interétnicos puedan ser uno de los principales motivadores de la sustitución de las variedades de inmigración por la variedad oficial de Brasil. Para confirmar o refutar nuestra hipótesis nos proponemos entonces a recopilar datos a partir de dieciséis informantes divididos en dos familias. Donde una se compone solamente por descendientes de italianos, en cuanto la otra es mixta, compuesta por descendientes de alemanes e italianos. Ya, los informantes son ocho en cada familia, es decir, hijos, padres, abuelos paternos y abuelos maternos. Los datos fueron recopilados por medio de la aplicación de un cuestionario pluridimensional y relacional extraído del Atlas de las Lenguas en contacto en la Frontera. El análisis de los datos seguirá la teoría y metodología pluridimensional y relacional que busca analizar cuestiones pertinentes acerca del mantenimiento y sustitución de lenguas de inmigración a partir de la convivencia entre culturas iguales e/o diferentes, relacionando así los datos obtenidos entre informantes de mayor edad de una familia con la otra, así como relacionar datos de informantes jóvenes con informantes jóvenes y viejos, hombres con hombres, mujeres con mujeres y además hombres con mujeres, como determinado por la cruz de Thun.

PALABRAS-CLAVE: Mantenimiento y Sustitución Lingüística; Lenguas en Contacto; Dialectología Pluridimensional; Matrimonios Inter – e Intraétnicos.